

A palavra, o símbolo, a iniciação: entrevista a Yvette Centeno

[The word, the symbol, the initiation:
interview with Yvette Centeno]

Matteo Pupillo*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Heterónimos, Simbolismo, Hermetismo, Biblioteca particular.

Resumo

Nesta entrevista, Yvette Centeno revisita o seu percurso intelectual e a sua longa dedicação ao estudo da obra de Fernando Pessoa, com especial atenção à dimensão simbólica, hermética e esotérica do poeta. A investigadora recorda o contacto direto com o espólio pessoano em casa de Henriqueta Rosa Dias, sublinhando a importância da biblioteca particular de Pessoa para a compreensão das suas leituras e interesses filosóficos. Ao longo da conversa, são abordadas questões como os heterónimos, o *Livro do Desassossego*, a influência da teosofia, da alquimia e da tradição neoplatónica, bem como o diálogo entre Pessoa e autores como Goethe, Whitman ou Crowley. A entrevista constitui igualmente um testemunho sobre a evolução dos estudos pessoanos em Portugal e sobre a inserção europeia da obra de Fernando Pessoa.

Keywords

Fernando Pessoa, Heteronyms, Symbolism, Hermeticism, Private library.

Abstract

In this interview, Yvette Centeno reflects upon her intellectual trajectory and her long-standing engagement with the work of Fernando Pessoa, focusing particularly on the symbolic, hermetic, and esoteric dimensions of the poet's writings. Centeno recalls her direct contact with Pessoa's archive at the home of Henriqueta Rosa Dias and emphasises the importance of the poet's private library for understanding his philosophical interests and literary formation. The conversation addresses topics such as heteronyms, *The Book of Disquiet*, the influence of theosophy, alchemy, and Neoplatonic traditions, as well as Pessoa's dialogue with authors including Johann Wolfgang von Goethe, Walt Whitman, and Crowley. The interview also offers valuable insights into the development of Pessoa studies in Portugal and the broader European scope of Pessoa's intellectual universe.

* Sorbonne Université, UFR d'Études Ibériques et Latinoaméricaines. Centro de Estudos em Letras (Universidade de Évora) e CLEPUL (Universidade de Lisboa).



A presente entrevista com Yvette Centeno constitui um testemunho singular sobre a receção crítica de Fernando Pessoa nas décadas posteriores ao centenário do poeta e sobre a emergência dos estudos dedicados à dimensão esotérica, hermética e simbólica da sua obra. Ao longo da conversa, revisitam-se momentos fundamentais da investigação pessoana em Portugal, nomeadamente o contacto direto com o espólio conservado pela família de Pessoa, a importância da biblioteca particular do autor e o papel pioneiro desempenhado por Yvette Centeno na exploração de materiais até então pouco estudados.

Mais do que uma reflexão académica sobre o universo pessoano, esta entrevista revela igualmente um percurso intelectual marcado pelo diálogo entre literatura, filosofia, simbolismo e tradição hermética europeia. Através das suas memórias de investigação, das referências a autores como Johann Wolfgang von Goethe, Aleister Crowley e Henri Michaux, e da evocação de figuras centrais da cultura portuguesa contemporânea, Yvette Centeno oferece um retrato multifacetado de Pessoa enquanto leitor, pensador e criador profundamente inserido numa tradição cultural europeia de longa duração.

Matteo Pupillo [MP]: Querida Professora Yvette Centeno, reitero aqui o meu gosto em entrevistá-la, e agradeço-lhe, uma vez mais, em meu nome e em nome dos colegas da revista *Pessoa Plural*, pelo tempo que nos dedicará. A Professora Yvette é uma exímia germanista, investigadora pessoana, escritora com uma prolífica atividade em curso – o gesto da palavra continua, pois, a acompanhá-la e as recentes publicações *Guenia e Asger Asger e Guenia* (2024, ficção) e *Devagar* (2025, poesia) são testemunhos disso. Acrescentaria, ainda, que é alguém que tem consagrado grande parte da sua produção científica à palavra, ao imaginário e ao símbolo. Com efeito, na FCSH – Universidade Nova de Lisboa, onde lecionou desde 1973, fundou o Gabinete de Estudos de Simbologia, que dirigiu entre 1983 e 1996. Nesse sentido, e no âmbito da sua atividade letiva, dedicou ainda um seminário à filosofia hermética de Fernando Pessoa. A que propósito surge a sua ligação, tão íntima e tão cientificamente pertinente, à obra pessoana?

Yvette Centeno [YC]: Considero-me uma apaixonada de Fernando Pessoa e da sua obra e, por razões que se prendem com o meu percurso profissional, como referiste, fui levada a investigar outras facetas do poeta. Como é sabido, Pessoa, enquanto poeta, estava e está bastante estudado e entregue a grandes especialistas de renome, nacionais e internacionais. Aquilo que eu fiz foi, a partir de 1974/1975, dedicar-me mais ao estudo do material inédito do espólio. Ora, esse material, na altura em casa da meia-irmã do poeta, Sra. D. Henriqueta Rosa Dias, era um manancial de investigação. Além do acervo dos milhares de papéis conservados no espólio, não pode

esquecer-se a própria biblioteca particular. A família, extremamente amável, nunca fechou as portas aos investigadores e eu apercebi-me de que, naquela enorme quantidade de papéis (na altura, ainda não catalogados) – e eu li todos os papéis da arca –, havia coisas que diziam respeito à tradição simbólica em Portugal, coisas que ninguém estudava. Escreviam sobre o Pessoa, mas ninguém ia à arca e à sua biblioteca. Na biblioteca, por exemplo, encontrei autores do século XVIII, autores da filosofia alquímica, que estiveram na base da formação e da curiosidade que Fernando Pessoa veio a desenvolver pela matéria hermética. A partir dessas leituras e reflexões, como pode ler-se em dois livros que editei, *Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação*, de 1985, e *Fernando Pessoa: Os Trezentos, e Outros Ensaios*, de 1988, Pessoa escreveu todo um conjunto de ensaios que ficaram fragmentários, mas que não deixam de ser menos interessantes por isso. Nesses textos, Pessoa acompanha, por um lado, a tradição simbólica ligada ao messianismo, que já herdávamos desde o tempo de Padre António Vieira, com a sua *História do Futuro*. Por outro lado, os textos evidenciam um conhecimento muito detalhado da moderna leitura dos símbolos, por exemplo através do contacto com a obra de Freud, ou dos processos modernos de jogo com a linguagem, que marcam casos contemporâneos, como por exemplo o *Ulysses* (1920), de James Joyce. Essas obras estão na biblioteca particular¹. Apesar de se conservar apenas uma parcela do que terá sido essa biblioteca, o que existe mostra que ele foi um leitor ávido, que leu tudo e que sabia muito mais do que deixou aparentar através da obra conhecida. Bom, a partir daí, entrei numa espécie de zona que tinha permanecido reservada ou inexplorada, mas que, felizmente, deixou de o ser. A partir do momento em que se começou a conhecer esta faceta da sua produção, passámos a ter uma visão mais completa do poeta; quer dizer, ele não foi apenas poeta, ele foi também filósofo, ele foi também, em certa medida, um místico, com preocupações ocultistas, embora não realizadas. Não se poderá dizer nunca que ele tenha pertencido a esta ou àquela seita, ou que ele se assumiu como *iniciado realizado*. Aliás, se o fosse, também não o diria. O que se pode reconhecer nessas leituras e textos é o testemunho da sua imensa curiosidade intelectual. Encontra-se em Pessoa, em certa medida, muito daquilo de que gosto e que procurei fazer: a influência da literatura alemã em Portugal, sobretudo a do século XVIII. Foi a partir disso que pude compor a última faceta cultural do nosso poeta. Trata-se de um homem de grande cultura,

¹ Os livros da biblioteca encontram-se à guarda da Casa Fernando Pessoa, e podem ser consultados em linha (<https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/bibParticular.htm>). Os ensaios de catalogação dos volumes da biblioteca, assim como algumas páginas de diários, anotações várias e listas dispersas de livros vendidos por Pessoa, deixam ver que as leituras do poeta foram significativamente mais vastas do que o retrato incompleto que este arquivo testemunha (cf. PIZARRO, FERRARI e CARDIELLO, 2010: 13-25). Os que dizem respeito aos assuntos abordados por Yvette Centeno encontram-se dispersos pelas várias classes com que se arrumou esse manancial e foram recentemente estudados por Rita Catarina MARRONE (2025).

alguém que pode dizer, como Goethe dizia, ser “um cidadão do mundo”². E isso foi o que me fascinou.

MP: Quando entrou na Nova como assistente, já tinha volvido o seu olhar para o Pessoa?

YC: Quando fundámos a Nova, a ideia foi lançar múltiplos projetos e, para tal, convidámos várias sumidades, inclusive a lusitanista italiana Luciana Stegagno Picchio, que foi minha Mestra e amiga durante toda a vida. Na altura, sobre Pessoa, veio falar, por exemplo, Eduardo Lourenço. Mas eu, que sempre gostei de ler, comecei a ler o Pessoa ainda em Coimbra, aos dezassete anos. O meu heterónimo preferido era o Ricardo Reis e roubei-lhe um verso para intitular um dos meus romances, *Não Só Quem Nos Odeia* (Lisboa: Portugália Editora, 1966)³. Nesse encontro, Eduardo Lourenço esteve a falar sobre Walt Whitman, que eu já tinha lido no meu curso de Filologia Germânica⁴. Naquele tempo, não eram áreas separadas: eu tive três disciplinas de literatura alemã, três de literatura inglesa e americana e, como opção, escolhi literatura francesa, pois o francês era a minha língua nativa, a que se falava em casa. Voltando ao meu tempo na FCSH e ao Pessoa, eu ia muito à casa da Sra. Dona Henriqueta, que tinha uma pequena sala que nos emprestava amavelmente, ou seja, deixava-nos ficar ali a ler o que quiséssemos e a tirar apontamentos – e eu calculo que ela reservava aquele espaço para os estudiosos. Havia um armário pequenino, de vidro, onde estavam os livros preferidos do Pessoa e que eram todos de Teosofia, Alquimia, os que eu cito nos meus trabalhos. Acho que o meu primeiro artigo sobre o autor foi para a *Colóquio/Letras*⁵. Nesse trabalho e nos seguintes que escrevi sobre

² A compreensão que Goethe tinha do conceito de ‘cidadão do mundo’, assim como a interação entre esse conceito e uma das etapas da formulação da questão da *Weltliteratur*, podem ser facilmente relacionáveis com as perspetivas de Pessoa acerca da história literária e da necessidade de uma obra com alcance supranacional. Na biblioteca particular de Pessoa encontra-se, por exemplo, um exemplar de *Conversations of Goethe with Eckermann*, obra nuclear para a abordagem a essas noções (<https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-376>).

³ Trata-se da ode “Não só quem nos odia ou nos inveja”, dada a conhecer pela Ática desde 1946, no livro *Odes de Ricardo Reis*: “Não só quem nos odia ou nos inveja | Nos limita e oprime; quem nos ama | Não menos nos limita. | Que os Deuses me concedam que, despido | De affectos, tenha a fria liberdade | Dos pinaros sem nada. | Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada | É livre; quem não tem, e não deseja, | Homem, é igual aos Deuses” (PESSOA, 2016: 160).

⁴ É significativo que *Pessoa Revisitado*, livro no qual Eduardo Lourenço estrutura parte da sua interpretação da obra de Pessoa na recepção plural de Walt Whitman, tenha sido publicado em 1973, em sintonia com as questões tratadas na FCSH-UNL.

⁵ O primeiro trabalho de Yvette Centeno sobre Fernando Pessoa data de 1976, o ensaio “Fragmentação e totalidade em ‘Chuva Oblíqua’ de Fernando Pessoa”, publicado no livro *5 Aproximações. António Ramos Rosa – Peter Weiss – Alquimia e Misticismo – Fernando Pessoa – Herman Hesse* (Lisboa: Ática, 1976,

o Pessoa, comecei a fazer referências ao suporte cultural teosófico, ocultista, simbólico, a aspetos que o poeta bebeu naquelas leituras. O que irritou imenso os literatos portugueses de então, porque se limitavam a ler a sua produção sem a base cultural do autor, que era alargadíssima. Com o tempo, fui-me interessando pela personalidade do Pessoa e por alguns dos seus interesses e afinidades, como a relação com a magia, com Aleister Crowley. Pessoa tinha no seu armário muito do que era importante de Crowley.⁶

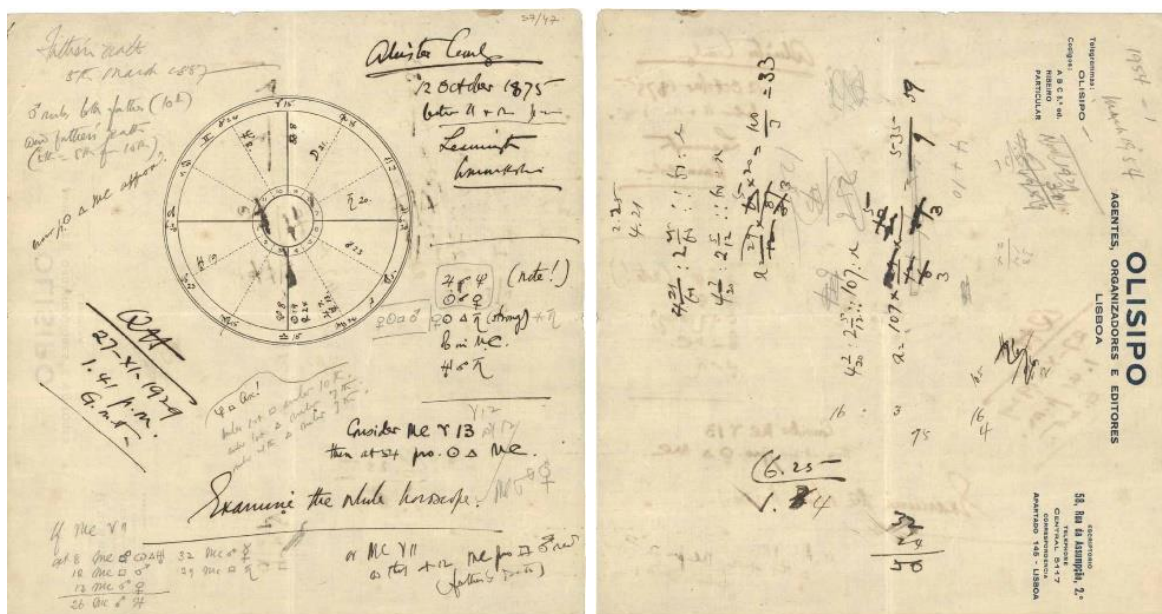


Fig. 1. Mapa astrológico de Aleister Crowley (BNP/E3, Sinais 7-47°).

Pessoa também fez uma tradução de Helena Blavatsky⁷. Como eu ia bastantes vezes à Inglaterra, visitava os antiquários e comprava os livros que o Pessoa tinha em sua posse. Está tudo no meu escritório! Assim, podia continuar a estudar em casa as

pp. 71-92). Na *Colóquio/Letras*, o primeiro contributo de Yvette Centeno dedicado ao poeta foi “Ophélia – bebézinho ou o horror do sexo” (n.º 49, 1979, pp. 11-19), com prolongamento em “O ‘Espólio/Escolho’ de Fernando Pessoa (Dois avisos à navegação). A propósito de ‘Fernando Pessoa: Ophélia-Bébézinho ou o ‘horror’ do sexo” (n.º 54, 1980, p. 64). <https://coloquio.gulbenkian.pt/>

⁶ A relação de Pessoa com Aleister Crowley tem sido explorada recorrentemente, em edições várias da correspondência e de outros documentos relacionados com a interação, incluindo o esboço de uma novela policial pessoana dedicada ao enredo da Boca do Inferno – a mais recente, da responsabilidade de Steffen Dix, *O Mistério da Boca do Inferno – Correspondência e Novela Policial* (Lisboa: Tinta-da-china, 2019) –, ficção literária – *A Conspiração dos Antepassados*, de David Soares (São Pedro do Estoril: Saída de Emergência, 2007) e *A Segunda Vida de Fernando Pessoa*, de João Céu e Silva (Lisboa: Guerra e Paz, 2020), por exemplo – e um filme do realizador português Luís Porto, *Boca do Inferno*, de 2019.

⁷ Em 1916, num período em que se dedicou a traduzir alguns livros associados à teosofia, que produziram alguma inquietação, como transmitiu ao amigo Mário de Sá-Carneiro (SÁ-CARNEIRO, 2015: 503-504), foi publicado o livro *A Voz do Silêncio – e outros fragmentos selectos do Livro dos Preceitos Aureos*, de Helena Blavatsky, em “versão portuguesa de Fernando Pessoa” (Lisboa: Livraria Clássica, 1916).

leituras dele, como suporte das análises que eu ia fazendo a cada poema. Um dos poemas que examinei foi “Além-Deus”, cuja análise foi publicada num número dos *Quaderni Portoghesi*.⁸

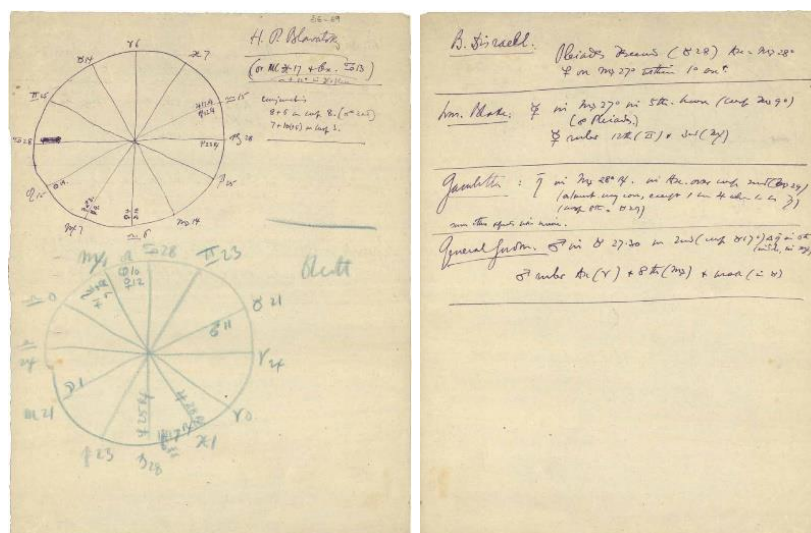


Fig. 2. Mapa astrológico de Helena Blavatsky (BNP/E3, Sinais 6-69^o).

Nos meus ensaios, coloquei as referências que remetem para a sua biblioteca. O que ele leu está tudo aqui: a Cabala, o templarismo, os gnósticos, a alquimia, os neoplatonistas, etc. Por exemplo, para o livro *Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação*, de 1985, vasculhei várias interpretações do símbolo da água para mostrar que o autor tinha a intenção de publicar, mais tarde, a obra toda em conjunto, não separando as diferenças dos heterónimos. Ora, para alguns estudiosos, cada heterónimo era um verdadeiro outro autor, uma personalidade corporizada. Nunca foi, era sempre o Pessoa. Pessoa foi um poeta muito mais filosófico e pensador do que propriamente um José de Almada Negreiros, mas isso deu muita discussão na altura e eu não quero agora falar disso. No entanto, e ainda a propósito da arca, quero relembrar que Maria Aliete Galhoz (1929-2020) foi a primeiríssima a mexer na arca do Pessoa e nós encontrávamo-nos muito, as duas, em casa da Dona Henriqueta. Ela era funcionária da Biblioteca Nacional, e as edições que ela fez, para mim, continuam excelentes e de referência⁹. Na altura, um catalogador da Biblioteca Nacional microfilmou-me os vinte e sete mil papéis da arca, custou-me uma fortuna, e assim eu ia trabalhando em casa e, à medida que os ia usando, deitava-os fora. Hoje em dia, isto faria uma coleção formidável de microfilmes, apesar de já estar tudo digitalizado.

⁸ Trata-se de “‘Episódios – A Múmia’ di Pessoa: un testo chiave per lo studio dell’ermetismo in Fernando Pessoa”, que consta do segundo número dos *Quaderni Portoghesi* (1977, pp. 65-101). É a versão italiana de um dos primeiros textos de Yvette Centeno sobre Pessoa, “‘Episódios/A Múmia’: um poema-chave para o estudo do hermetismo em Fernando Pessoa” (*Persona*, 1977, pp. 51-67).

⁹ Sobre este assunto, cf. SOUSA (2021).

MP: Fernando Pessoa foi, talvez como nenhum outro na modernidade, um viajante do interior — um explorador das vastidões psíquicas e metafísicas do ser. Um alquimista do espírito e do intelecto, cuja obra se ergue como testemunho de uma incessante transmutação do eu. A Senhora Professora evocou, com acuidade notável, a “biblioteca” do poeta — essa constelação interior de vozes, leituras e entidades —, sublinhando o carácter absolutamente singular da sua construção de mundo. Tudo em Pessoa — como a sua investigação amplamente demonstra — se organiza em torno de um núcleo especulativo e humanístico, onde o drama da existência se encena por via da linguagem, do pensamento e do desdobramento identitário. No seu livro *Fernando Pessoa: o Amor, a Morte, a Iniciação* (1985), a figura de Ofélia emerge, por exemplo, não como simples episódio sentimental, mas como indício de uma impossibilidade constitutiva: a do amor partilhado, a da fusão com o outro. A vinculação profunda e nunca dissolvida à figura materna — cuja perda, tudo indica, representou para o poeta a fratura mais radical da sua biografia emocional — lança uma sombra duradoura sobre qualquer relação ulterior. Nesse contexto, o afastamento da mulher, o investimento na idealização e a ambiguidade do laço amoroso revelam uma recusa talvez inconsciente da exterioridade. E a grande pergunta impõe-se: quem era esse homem que se fragmentava em tantos?

YC: Eu acho que temos de considerar todas as suas manifestações heteronímicas como outras vozes e outros rostos do poeta. Tu sabes que a tradição heteronímica, em Portugal, não data do Pessoa, não é? O próprio Eça de Queirós, de resto, através das cartas a Fradique Mendes, por exemplo, faz um desdobramento e faz um jogo heteronímico¹⁰. Parece ser, simultaneamente, uma vontade de provocar o público leitor e de, mediante as máscaras e os rostos que se assumem, poder dizer tudo quanto, enquanto pessoa própria, não se poderia dizer. E nós vemos que Álvaro de Campos é a voz excêntrica, provocadora, agitadora daquele que seria o meio social da época; ao mesmo tempo que Ricardo Reis é a faceta mais distanciada e clássica; ao mesmo tempo que Alberto Caeiro é a voz que se pretende ingénua, mas que não

¹⁰ Esta questão foi recentemente estudada por José Vieira, no livro *A Escrita do Outro. Mentiras de Realidade e Verdades de Papel* (Lisboa: Tinta-da-china, 2025), no qual se percorrem as reconfigurações do processo heteronímico ao longo de um arco temporal que vai de Filinto Elísio a Mário Cláudio. A figura de Carlos Fradique Mendes tem suscitado, nas últimas décadas, um renovado interesse crítico, sobretudo enquanto precursor de formas modernas de desdobramento autoral e de encenação da identidade literária. Entre os estudos fundamentais sobre o tema destacam-se além da edição crítica de *A Correspondência de Fradique Mendes* (Lisboa: INCM, 2014), os ensaios dedicados ao “projecto heteronímico” fradiquista, bem como investigações sobre a modernidade do último Eça e a genealogia do heteronimismo português de Carlos Reis, Irene Fialho, Cristina Petrescu, Fernando Venâncio e Paulo Motta Oliveira, entre outros. Previamente, João Medina, Jacinto do Prado Coelho e Óscar Lopes fizeram observações importantes sobre Fradique em estudos mais gerais sobre Eça e o fim-de-século português; e José-Augusto França referiu a dimensão dandista e cosmopolita de Fradique, sobretudo em trabalhos sobre a Geração de 70.

o é, porque é profundamente filosófica e que, na sua ingenuidade, tenta encontrar uma resposta para as angústias do jovem adolescente que era Alexander Search. Search foi o heterónimo da adolescência, das crises de crescimento, da angústia existencial, do horror da morte, do medo da loucura, da recusa do sexo, como surge manifesto em tantos poemas ingleses. E Alberto Caeiro, que é o primeiro grande heterónimo, ou pelo menos é datado como tal na apresentação do conjunto dos heterónimos, será uma espécie de resposta tranquilizadora para a angústia adolescente. É verdade que Fernando Pessoa considera Search como um pré-heterónimo. Mas, se atribuirmos a Bernardo Soares a autoria do *Livro do Desassossego*, por exemplo, também Search pode ser lido como um semi-heterónimo. O *Livro do Desassossego* é uma obra extraordinária. Na modernidade europeia, será, talvez, a obra mais marcante de reflexão sobre a criação literária e o percurso que leva o autor da vida ao livro e do livro à vida. Essa intersecção entre o quotidiano e a criação fica de tal maneira bem descrita nesse livro que, a meu ver, se converte numa das facetas mais marcantes da modernidade e, como te digo, não apenas portuguesa, mas europeia. Eu preparei aquele conjunto de inéditos, que saiu em 1988 [*Fernando Pessoa: Os Trezentos, e Outros Ensaios*, Lisboa: Editorial Presença], em que Pessoa faz a análise da Europa sua contemporânea. Nesses textos, vemos como ele continua a tentar interpretar a Europa política e cultural à luz de uma herança que será, não digo “patriótica” no sentido mesquinho da palavra, mas nacional, de reflexão sobre os valores de uma sociedade que se pretende ligada, sobretudo, aos valores da alma. Ora, esse aspeto encontra-se também em Teixeira de Pascoaes, em Gomes Leal, em Eugénio de Castro. Não sei se algum estudioso já procurou pôr em paralelo este último com Fernando Pessoa. Lembrei-me agora também do Pedro da Silveira, de quem eu era grande amiga, que, na Biblioteca Nacional, esteve a investigar os contemporâneos do Pessoa, no que disseram sobre o seu pensamento e a sua obra¹¹. As coisas foram surgindo pouco a pouco. A verdade é que o centenário agitou a sua obra, tal como já tinha acontecido em 1985 com o quinquentenário da morte. Mas, até então, o Fernando Pessoa esteve posto à margem.

MP: É curioso como ele encontrou no número cinco a definição dos grandes momentos da sua vida e como acabou por morrer num ano terminado em cinco. A Senhora Professora também tem um livro consagrado à matéria alquímica, mas o que é que

¹¹ Pedro da Silveira (1922-2003), conhecido poeta e investigador, dedicou alguns trabalhos a Fernando Pessoa, nomeadamente sobre as suas passagens pelos Açores (*A Viagem de Fernando Pessoa à Terceira em Maio de 1902*, 1975), sobre alguns contemporâneos do poeta (“Cartas Inéditas de Teixeira de Pascoaes e Camilo Pessanha”, *Colóquio/Letras*, n.º 19, 1974) e sobre episódios peculiares da biografia do poeta, como o projeto da empresa Íbis (“Ninharias bibliográficas. 2. A empresa Íbis e Fernando Pessoa no ‘Anuário Comercial’ para 1910”, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, vol. III, n.º 1, 1988, pp. 144-146) e a sua juvenília “Fernando Pessoa: a sua estreia aos 14 anos e outras poesias de 1902 a 1905”, *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, vol. III, n.º 3, 1988, pp. 97-121).

significa, no fundo, a penetração de Fernando Pessoa no campo do esoterismo? E, se quiser, fale-nos também um pouco do surgimento desse seu interesse em relação ao poeta.

YC: Da parte dele, significa uma outra vertente da sua curiosidade intelectual. Repara: não é moderno este fenómeno, pois, partindo de Platão, podemos construir uma longa cadeia de transmissão entre aqueles autores que tiveram a alma por paixão, não o sucesso imediato, não o dinheiro, não a colocação social mais ou menos bem-sucedida. Há uma longa cadeia de autores que se ligam à paixão da alma e à paixão do que ela tem significado ao longo dos milénios em que a humanidade se veio a desenvolver; curiosidade pelo que é o próprio fenómeno da humanidade, a sua evolução, o seu progresso. Estou a pensar nos Pré-Socráticos, assim como nos grandes pensadores da Idade Média, que não pode considerar-se, de maneira nenhuma, uma época das trevas. Esse conceito já está, felizmente, ultrapassado. Outra visão unilateral é a que propõe que entre o Renascimento e a Época Moderna pouco ou nada aconteceu devido ao Racionalismo e ao Positivismo dos séculos XVIII e XIX. Se estudarmos o século XVIII atendendo a uma globalidade maior, abrangendo a produção filosófica, cultural e literária, veremos que as correntes de “hermetismo” são tão atuantes e tão preponderantes como as correntes do Racionalismo e do Positivismo. Portanto, há uma transmissão cultural que, desde os tempos do Platonismo e do Neoplatonismo até aos nossos dias, não sofre interrupção.

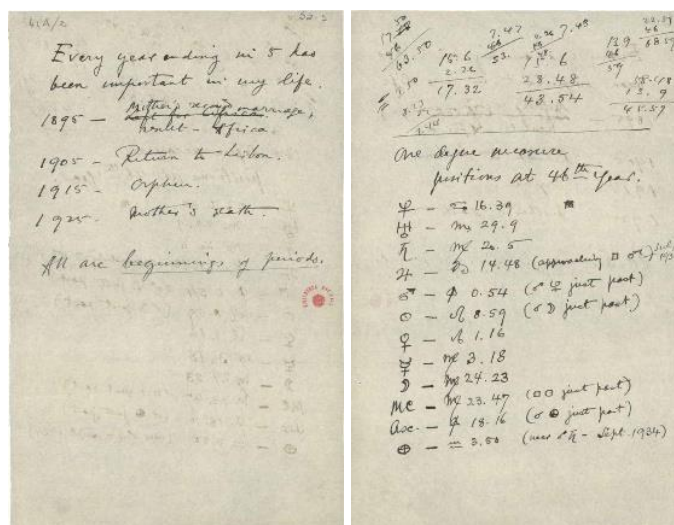


Fig. 3 Algumas datas fundamentais da vida de Pessoa, todas relacionadas com o número 5 (BNP/E3, Sinais 2-3^r).

Every year ending in 5 has been important in my life.

1895—<Left for Africa.> Mother's second marriage; result—Africa.

1905—Return to Lisbon.

1915—Orpheu.

1925—Mother's death.

All are beginnings of periods.

Fernando Pessoa pertence a essa linhagem dos apaixonados pela alma, os que se preocupam com valores como o da imortalidade ou o da continuidade. Constituem uma linhagem de criadores. E Pessoa, já com catorze anos de idade (a poesia ortónima em língua portuguesa, anterior à de Alexander Search, data de 1902, portanto, antes da criação poética em língua inglesa), tinha essa preocupação. Aliás, a preocupação com a alma é algo peculiar dos mais novos, dos jovens. Ao crescerem, as pessoas tornam-se mais cínicas. O Fernando Pessoa manteve pela vida fora o seu idealismo, muito marcado pelas discussões da existência, da essência. A preocupação com a questão do génio, por exemplo, a relação entre génio e loucura, é uma também muito ao gosto dos expressionistas na Europa, não é? A Sophia de Mello Breyner Andresen dizia que “ser poeta não é ser o eco do local, é ser o espelho do mundo”, como já Shakespeare dissera. E Pessoa é verdadeiramente um espelho do mundo, do seu mundo e, como aqueles valores de que ele se ocupava são valores universais, do nosso mundo também, é óbvio.

MP: E, nesse aspeto, não poderemos compará-lo com Camões, já que, na sua época, foi também o espelho do mundo em que viveu e do mundo que o antecedeu?

YC: Pessoa pretendeu ser não apenas um camoniano, mas também um Super-Camões e, na medida em que ele próprio instaurou novos modelos na criação poética, ele foi um Super-Camões. Mas Camões também instaurou os seus próprios modelos e, se nós formos ver nos dois não só a produção épica (*Os Lusíadas* e *Mensagem*), mas também os sonetos e as canções de Camões e a produção lírica de Fernando Pessoa, ortónimo e heterónimos, encontramos estruturas de grande semelhança. A esse respeito, há uma experiência apaixonante que foi feita pelo Alberto Pimenta, de colagens de Camões e Pessoa, em que Pimenta não introduziu uma linha sua, da sua autoria, mas, através dessa colagem, conseguiu fazer novos poemas, nos quais temos dificuldade em distinguir o que é de Camões e o que é de Pessoa, a menos que sejamos grandes conhecedores¹². Isso mostra que não há temporalidade que cerceie o poder da palavra de um grande poeta e que a palavra de Camões é tão moderna hoje como foi na altura; o mesmo já se poderá dizer da palavra de Pessoa.

MP: De modo a rematar esta nossa conversa, gostaria que me falasse um pouco da sua experiência em Paris, que, segundo sei, foi igualmente marcante para o seu interesse pelos símbolos e pela matéria alquímica.

YC: Sim, em Paris, eu privei com Henri Michaux (1899-1984), ele era um grande amigo da minha tia, que era galerista e expôs algumas das suas obras. Organizei aqui em Lisboa duas exposições sobre a obra do Michaux: uma numa galeria que já

¹² Trata-se da obra *Read & Mad*, de 1984. Cf. RAMALHO (2025).

não existe, que era a Galeria Ottolini (fechou com a Revolução dos Cravos), e outra na São Mamede. Fui eu a Paris escolher os quadros e a exposição foi lindíssima e correu muito bem. A Natália Correia (1923-1993) foi à exposição e disse “Yvette, apresenta-me ao Michaux”. Este livrinho de que tu fizeste a revisão [*Guenia e Asger Asger e Guenia*, 2024, Ed. Glaciar] não fala do Michaux, mas de Asger, grande pintor e admirador do Michaux. Quando eu ia a França, ia ver estas exposições e, quando não havia, ficava a conversar com o Michaux na galeria da minha tia, que ficava no bairro onde ela vivia, em Saint-Germain-des-Prés, na rue Mabillon. E o resto, já o sabes...

[Entrevista realizada a 17 de janeiro de 2025,
em casa da Prof.^a Centeno, em Lisboa.]



Figs. 4 e 5. Yvette Centeno no seu escritório.

Bibliografia

- MARRONE, Rita Catania (2025). *Os Livros Ocultos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Coleção Pessoaana.
- PESSOA, Fernando (2016). *Obra Completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- PIZARRO, Jerónimo; CARDIELLO, Antonio; FERRARI, Patricio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Edição bilingue. Lisboa: D. Quixote.
- RAMALHO, Maria Irene (2025). “Uma recepção quase incompleta: Alberto Pimenta e Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 28, Outono, pp. 100-123. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/5tnt-da57>
- SÁ-CARNEIRO, Mário (2015). *Em Ouro e Alma. Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Sá-Carneiro.
- SOSA, Rui (2021). “Fernando Pessoa entre duas chancelas: o tempo da *Obra Poética* de Maria Aliete Galhoz (1960-1977)”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 20, Outono, pp. 157-283. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/fsce-ws11>

YVETTE K. CENTENO nasceu em Lisboa, em 1940, no seio de uma família de origem germano-polaca. É casada, tem quatro filhos, e a música e a literatura fazem parte da sua vida desde sempre. Desde jovem interessou-se pelo teatro, escreveu peças e contos, e foi uma das fundadoras do CITAC, em Coimbra. Ao longo da sua carreira, publicou literatura infantil, ensaio académico, poesia, teatro e ficção, destacando-se romances como *Três Histórias de Amor* (1994), *Os Jardins de Eva* (1998) e *Amores Secretos* (2006), tendo parte da sua obra sido traduzida na Alemanha, em Espanha, em França e em Itália. Licenciou-se em Filologia Germânica com uma tese sobre *O Homem sem Qualidades*, de Robert Musil, e doutorou-se com um estudo sobre a alquimia no *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe. Foi Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde fundou o Gabinete de Estudos de Simbologia, hoje integrado no Centro de Estudos do Imaginário Literário. Paralelamente à atividade académica e literária, desempenhou funções de consultoria e comissariado em diversas iniciativas governamentais e culturais, entre as quais se destacam a participação na Comissão de Qualidade do Cinema, na Comissão Executiva da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, na Comissão das Comemorações do Cinquentenário da Morte de Fernando Pessoa, em Londres, no grupo de peritos da Comissão das Comunidades Europeias para a tradução de literatura contemporânea, bem como no Conselho Cultural da Culturgest (Fundação Caixa Geral de Depósitos). Entre os autores que traduziu contam-se William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Stendhal, Bertolt Brecht, Rainer Maria Rilke, Paul Celan, Rainer Werner Fassbinder e, mais recentemente, Henri Michaux, em coautoria com Matteo Pupillo.

YVETTE K. CENTENO was born in Lisbon in 1940 into a family of German-Polish origin. She is married, has four children, and music and literature have always been part of her life. From an early age, she developed an interest in theatre, wrote plays and short stories, and was one of the founders of CITAC in Coimbra. Throughout her career, she has published children's literature, academic essays, poetry, drama, and fiction, with novels such as *Três Histórias de Amor* (1994), *Os Jardins de Eva* (1998), and *Amores Secretos* (2006) standing out among her works, some of which have been translated in Germany, Spain, France, and Italy. She graduated in Germanic Philology with a dissertation on *The Man Without Qualities*, by Robert Musil, and completed her doctorate with a study on alchemy in Johann Wolfgang von Goethe's *Faust*. She was Full Professor at Universidade Nova de Lisboa, where she founded the Office for Symbolism Studies, now integrated into the Centre for Literary Imaginary Studies. Alongside her academic and literary activity, she served as consultant and curator for several governmental and cultural initiatives, including the Film Quality Commission, the Executive Committee of the 17th European Exhibition of Art, Science and Culture, the Commission for the Fiftieth Anniversary Commemorations of the Death of Fernando Pessoa in London, the expert group of the Commission of the European Communities for the translation of contemporary literature, and the Cultural Council of Culturgest (Caixa Geral de Depósitos Foundation). Among the authors she has translated are William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Stendhal, Bertolt Brecht, Rainer Maria Rilke, Paul Celan, Rainer Werner Fassbinder, and, more recently, Henri Michaux, translated in collaboration with Matteo Pupillo.

MATTEO PUPILLO é mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa e doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de Évora. Lecciona língua, cultura e literatura portuguesas na Sorbonne Université. A sua investigação tem privilegiado, entre outros interesses, a literatura portuguesa do século XVI, com especial enfoque nas personagens femininas do teatro quinhentista, bem como a escrita de autoria feminina do século XX e o romance hipercontemporâneo. Nesses domínios, publicou artigos em revistas nacionais e internacionais, capítulos de livros e entradas em dicionários especializados. Integra diversos projetos científicos e é membro de centros de investigação (CEL, Universidade de Évora / CLEPUL, Universidade de Lisboa) e de associações científicas internacionais. Traduz do espanhol, do francês e do italiano.

MATTEO PUPILLO holds a Master's degree in Portuguese Studies from Universidade Nova de Lisboa and a PhD in Portuguese Literature from the University of Évora. He teaches Portuguese language, culture, and literature at Sorbonne Université. His research has focused, among other interests, on sixteenth-century Portuguese literature, with particular emphasis on female characters in Renaissance Portuguese theatre, as well as on twentieth-century women's writing and the contemporary novel. In these fields, he has published articles in national and international journals, book chapters, and entries in specialised dictionaries. He is involved in several research projects and is a member of research centres (CEL, University of Évora / CLEPUL, University of Lisbon) and international scholarly associations. He translates from Spanish, French, and Italian.